

UNESP – Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara  
Departamento de Economia  
Grupo de Estudos de Economia Industrial

As mudanças no padrão de comércio brasileiro sob estabilização e globalização:  
análise da inserção internacional e da reestruturação industrial  
com base numa amostra das cem maiores empresas industriais

Orientador: João Furtado  
Bolsista: Wellington da Silva Pereira.

Araraquara, março de 2000

## APRESENTAÇÃO

Este projeto delinea uma parte da pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito do GEEIN, com o valioso auxílio de diversos pesquisadores – profissionais formados e estudantes em formação.

Algumas das atividades desenvolvidas foram já objeto de relatórios: Relatório Final (dois anos) do Auxílio Pesquisa FAPESP 98/15116-6, aprovado para vigorar no biênio 03/1999 – 02/2001, Relatório Parcial da Pesquisa FINEP sobre "Comportamento Tecnológico das Empresas", assim como os relatórios finais de XX bolsistas FAPESP e CNPq de IC, cujos resultados têm sido apresentados regularmente nos Congressos - de Iniciação Científica da UNESP (Presidente Prudente, 1999; São José do Rio Preto, 2000; e Bauru, 2001), da SBPC (Brasília, 1999; Porto Alegre, 2000; Salvador, 2001) e

O projeto é composto de duas partes. Na primeira parte são apresentadas as questões analíticas que dizem respeito ao projeto. Na segunda são descritas as atividades realizadas no âmbito da pesquisa, apresentando um plano de trabalho detalhado e um cronograma de atividades. Ressalte-se que as duas bolsas que estão sendo solicitadas destinam-se a dois colaboradores que vêm desenvolvendo regularmente, atividades no interior do GEEIN, depois de um período inicial de colaboração voluntária.

### I – A REESTRUTURAÇÃO PATRIMONIAL E PRODUTIVA DA INDÚSTRIA BRASILEIRA: UM EXAME DAS IMPLICAÇÕES DOS INVESTIMENTOS DIRETOS ESTRANGEIROS E DAS NOVAS CONFIGURAÇÕES PRODUTIVAS.

Este projeto dedica-se à análise de algumas das principais modificações estruturais da indústria brasileira. Ele traduz algumas reflexões e discussões que o GEEIN vem desenvolvendo a partir das suas pesquisas<sup>1</sup>, sobretudo de base empírica, com vistas ao aprofundamento de análises sobre temas que podemos abarcar sob a denominação genérica de “O Brasil na Globalização”.

O ponto principal desta análise pode ser explicitado desde o início: enquanto muitos autores continuam a considerar a dinâmica interna como determinada principalmente por fatores internos, a orientação deste trabalho e do conjunto de pesquisas busca “levar a sério” os fenômenos da chamada globalização. Para dizê-lo de forma muito breve: se em muitas dimensões a economia, a sociedade e a política estão ainda organizadas em bases nacionais, as empresas estão crescentemente organizadas numa base mais ampla.

Estas configurações expressam um sistema produtivo internacionalizado. A internacionalização da produção é sem dúvida um fenômeno antigo, mas não deve ser confundida com a internacionalização das empresas. Elas possuíam atividades em diversos países, mas geridas em *bases multi-domésticas* (Porter, 1986). O sistema produtivo internacionalizado é construído sobre a base das empresas internacionalizadas, tendo estas

---

<sup>1</sup> Além do auxílio pesquisa FAPESP 98/15115-6, o GEEIN contou ainda com os auxílios de Iniciação Científica de números 98/09775-3 (Adriana Brógio), 98/09736-8 (Daniela Maria Amoroso) e 98/09780-7 (Sílvia Angélica Domingues), ao qual se adicionaram posteriormente outras 6 bolsas (Bruno Lanzi de Mattos, Márcio Lupatini, Carolina T. Baltar, Thaisa M. Demartini, Vanderléia Radaelli e Carolina A. A. Andrade). O CNPq contribuiu, igualmente, com 5 bolsas PIBIC. No âmbito das atividades do grupo, uma pesquisa coletiva patrocinada pelo IPEA foi desenvolvida por um grupo de 10 pesquisadores e diversos auxiliares. Esta pesquisa, denominada *Cadeias Produtivas em Perspectiva Global*, forneceu importantes subsídios para reflexão e análise, dos quais o GEEIN muito se beneficia. O autor e os demais pesquisadores do Grupo agradecem à chefia do Departamento de Economia pela seu empenho no sentido de oferecer ao Grupo as melhores condições possíveis para o desenvolvimento do trabalho.

atingido um grau elevado de difusão das atividades produtivas e buscando então, de forma decidida, integrá-las e coordená-las sob comando centralizado (Chesnais, 1996).

Sobre essa hipótese de partida, busca-se compreender como as novas condições de inserção do Brasil na economia internacional têm possibilitado e influenciado a reconfiguração das estruturas produtivas domésticas. A reinserção (as mudanças na forma de inserção) tem determinado o desenvolvimento brasileiro em diversas dimensões (setoriais, regionais, segundo os tipos de empresas e de capitais controladores, segundo os tamanhos), assim como definido os espaços para a atuação local (políticas comercial e industrial, atuação de entidades, sindicatos)<sup>2</sup>.

A análise privilegia o que pode ser designado como a adesão tardia do Brasil aos fenômenos do processo de globalização e a convergência que ela produziu em termos das estruturas da indústria e da dinâmica dos mercados. Estão abarcados nesta adesão à globalização fenômenos como a abertura comercial, a modernização das empresas e, sobretudo, os novos fluxos de investimento direto estrangeiro. A estabilização macroeconômica, o surto de expansão dos mercados e a valorização cambial que propiciaram aqueles investimentos estão - às vezes apenas implicitamente - considerados na análise.

Em contrapartida, são menos tratados ou deixados deliberadamente de lado dois fenômenos, habitualmente colocados em primeiro plano: liberalização e privatização. Ambos são determinantes de vários aspectos da reestruturação, mas além de abarcarem principalmente os setores de serviços, eles envolvem dimensões institucionais que extrapolam os objetivos deste trabalho e da própria pesquisa que vem sendo desenvolvida no âmbito da pesquisa do GEEIN.

É possível, por isso, estimar que o enfoque é bastante distinto do adotado por autores que focalizaram o mesmo conjunto de questões, mas a partir dos fenômenos ligados às mudanças institucionais (abertura, desregulamentação, liberalização, privatização) e à gestão da política macroeconômica (âncora cambial), que permitiram, em conjunto, a estabilização da economia a partir de 1994<sup>3</sup>. Os resultados em termos de análise e de avaliação, não por acaso, são bastante diferentes.

O trabalho de pesquisa que vem sendo desenvolvido relaciona enfaticamente duas dimensões do processo: a estrutura patrimonial e a reestruturação produtiva. A ênfase é dada às reestruturações que foram precedidas de mudanças patrimoniais no sentido da concentração da produção e da mudança da origem do capital controlador (desnacionalização, renacionalização, em alguns casos privatização). Evidentemente, em que pesem algumas contra-tendências, a força mais poderosa e mais atuante do período recente foi mesmo a desnacionalização, que julgamos vinculada à forma de adesão da economia brasileira ao quadro da globalização<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Adiamos para outra oportunidade a discussão sobre o significado desta nova fase quando comparada à autonomia que havia sido alcançada, segundo diversas interpretações e para as realidades das políticas domésticas, desde os anos 50.

<sup>3</sup> J.R. Mendonça de Barros e L. Goldenstein, em seu artigo publicado sucessivamente na Gazeta Mercantil e na Revista de Economia Política adotaram o procedimento inverso: consideraram a estabilização e a privatização, deixando de lado a globalização. Sem pretender negar a importância daquela contribuição, muito esclarecedora e ilustrativa das concepções e orientações que presidiram um dos vetores da política econômica brasileira no período recente, nós consideramos que o fenômeno principal a ser considerado é o da globalização, ao qual se alinham os demais.

<sup>4</sup> Um trabalho realizado em colaboração com um colega da USP procurou mostrar que o determinante principal do avanço do processo de desnacionalização foi a diferença substancial entre os parâmetros de avaliação de ativos adotados respectivamente por detentores nacionais e candidatos estrangeiros. Enquanto uns estimam o valor presente do fluxo de rendimentos com taxas domésticas, os outros o fazem com base em taxas "globais"; enquanto uns estimam o próprio fluxo de rendimentos a partir de uma estrutura produtiva nacional e integrada nessa escala, os outros o fazem diretamente em escala global, com custos de produção integrada globalmente. Diferença análoga existe nos preços dos produtos e serviços vendidos. Furtado, J. e Valle, M.R., "Globalização, estabilização e o colapso da empresa nacional", versão

Entende-se que as dimensões produtiva e comercial estão profundamente interligadas. As estratégias empresariais numa fase desenvolvimento com predomínio da abertura e da globalização incluem, de partida, um nível avançado de integração produtiva e comercial. Neste sentido, os investimentos e as decisões de produção são efetivadas sob a influência destes dois parâmetros e utilizam intensamente o leque de possibilidades oferecido por um sistema produtivo internacionalizado e fortemente integrado nessa dimensão.

Nem sempre as implicações desta afirmação são suficientemente ponderadas. Num sistema produtivo em bases nacionais, mesmo se as empresas são internacionalizadas, elas desenvolvem as suas bases locais de implantação, obrigando-se a subverter as dotações naturais, por intermédio das necessidades dos próprios investimentos e daquelas que deles decorrem. A dotação de fatores, se tem peso nestas decisões de internacionalização da grande empresa, raramente é determinante e os investimentos transformam permanentemente o quadro das dotações naturais. Num sistema produtivo integrado em escala globalizada, muitas das deficiências locais podem simplesmente ser supridas pela via do comércio internacional, sobretudo nos casos em que as empresas produtoras têm participações industriais e comerciais em múltiplos espaços econômicos. Assim, as decisões de investimento, sobretudo da grande empresa, podem simplesmente reiterar a dotação inicial, reforçando-a.

Com as oportunidades criadas pelo grau de desenvolvimento da grande empresa, pelas tecnologias da informação e da comunicação e pelo ambiente institucional francamente desregulamentado, as decisões de investimento e as estratégias produtivas passaram a levar em conta as redes internacionalizadas de produção e comercialização e cada base produtiva (nacional ou regional) tornou-se uma fração de um sistema que se tornou integrado apenas num plano superior (internacional, mundial, global). Os sistemas domésticos deixam de ser a referência das empresas, independentemente de sua base de controle acionário e financeiro ser ainda local-nacional e do país de origem concentrar a maior parte ds funções corporativas de nível superior. Quanto ao comércio internacional, ele deixa de ser um complemento da produção doméstica, tornando-se um parâmetro de referência básico a orientar as estratégias e as decisões empresariais. O sistema produtivo internacionalizado sob o comando das grandes empresas e grupos econômicos é constituído, assim, por uma vasta rede de operações com funções e atividades diferenciadas, coordenadas de forma centralizada e com elevado nível de hierarquização.

A reestruturação de cada sistema produtivo nacional originou-se deste comando centralizado das grandes empresas, eventualmente influenciadas nas suas ações pelas políticas nacionais e regionais (nos casos em que estas estiveram à altura de exercer o seu papel neste âmbito supranacional, como ocorreu na Europa), mas examinando sobretudo a sua possibilidade de potencializar em termos privados as dotações existentes localmente. Naqueles casos em que os sistemas econômicos e produtivos nacionais eram possuíam graus mais elevados de integração e coesão<sup>5</sup>, as empresa puderam beneficiar-se mais das interações com as políticas e as instituições, enquanto nos sistemas mais fragmentados e heterogêneos as empresas encontraram no plano microeconômico das suas estratégias privadas a orientação principal das suas ações, mesmo se tinham que considerar as dimensões institucionais.

---

mimeografada e em língua portuguesa de trabalho apresentado ao XXIII Meeting do Eurogroup on Financial Modelling, Cracóvia, Outubro de 1998.

<sup>5</sup> Um sistema industrial pode ser altamente integrado sem contudo possuir correspondente grau de coesão. A integração diz respeito sobretudo à materialidade dos vínculos, sobretudo de compra e venda, enquanto a coesão refere-se mais à organicidade desses vínculos e à sua harmonia. Sob a legislação brasileira de informática dos anos 70-80, as empresas, incluindo algumas estrangeiras, compravam localmente componentes e desenvolviam produtos e sistemas, mas com elevada relutância. Assim que puderam, reverteram essa forma de operar, manifestamente contrária aos seus interesses microeconômicos.

A reestruturação industrial brasileira conheceu os seus momentos de maior intensidade na segunda metade dos anos 90, após a estabilização. Ela foi comandada sobretudo por decisões empresariais, tomadas em circunstâncias internacionais muito específicas e determinantes, uma vez passados os momentos críticos da reestruturação e definidos pelos atores os papéis mais relevantes. Por isso, a reestruturação brasileira tornou-se um espaço em que as empresas em globalização acelerada encontraram saída para o seu potencial de acumulação e para a atribuição de funções específicas. Por isso, a reestruturação industrial (e econômica) brasileira assume feições diretamente integradas a este padrão, o que se traduz nas decisões de investimento, de produção e de comércio internacional.

Tem sido possível a muitos observadores constatar que a dimensão regional (Mercosul e América do Sul) de algumas destas estratégias empresariais é francamente favorável à economia brasileira, que apenas muito raramente relegam o espaço brasileiro aos papéis secundários para atribuir a posição regional superior à Argentina. No entanto, tem sido mais raro encontrar o reconhecimento desta hierarquia no plano global – e neste caso a posição nos é francamente desfavorável.

## II. Descrição das atividades realizadas no âmbito do projeto "As mudanças no padrão de comércio brasileiro sob estabilização e globalização: A inserção internacional e a reestruturação industrial com base numa amostra de grandes empresas

O Projeto que vem sendo desenvolvido contempla os seguintes três objetivos: realizar um desenvolvimento adicional de algumas das conclusões da tese de doutoramento do proponente<sup>6</sup>; inserir-se no âmbito das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Estudos de Economia Industrial<sup>7</sup>, adensando um projeto coletivo com vistas ao oferecimento de uma área de pós-graduação; e dar substrato, densidade e projeção aos diversos projetos de iniciação científica definidos em torno deste tema.

Para cumprir estes três objetivos de forma consistente, com recursos limitados, a pesquisa propôs realizar uma série de atividades comuns, concebidas como um esforço coletivo, das quais seriam derivados depois resultados específicos e individuais.

Para isso, o projeto propôs uma série de procedimentos, seqüenciais e concatenados: 1) Constituição de uma amostra de empresas com elevada participação no comércio exterior do Brasil; 2) Classificação das empresas da amostra segundo a origem do capital; 3) Constituição de grupos econômicos; 4) Cruzamento dos fluxos de comércio com a estrutura espacial das empresas; 5) Visitas a empresas e realização de entrevistas; 6) Identificação de empresas (nacionais, privadas ou públicas, e filiais brasileiras de estrangeiras) adquiridas pelas empresas da amostra.

A partir destes resultados, elaborados coletivamente no âmbito da pesquisa, este projeto irá caracterizar internacionalmente e no Brasil as atividades de uma amostra de grandes empresas com atuação globalizada. Busca-se identificar as diferenças em termos das atividades e das modalidades de atuação destas empresas. Entende-se que a empresa "globalizada" distribui as suas atividades produtivas e as respectivas funções corporativas de

---

<sup>6</sup> Furtado, J., "La transformation des conditions d'insertion des économies à industrialisation tardive dans l'économie mondiale — Un examen des facteurs généraux suivi de leur particularisation dans cinq secteurs industriels", tese de doutorado, Univ. de Paris 13, 1997.

<sup>7</sup> GEEIN – Grupo de Estudos de Economia Industrial, constituído em 1991 no seio do Departamento de Economia da UNESP, que congrega professores e pesquisadores de outras instituições e conta com o apoio financeiro da FAPESP e do CNPq.



## Bibliografia

- BARROS, J.R.M. e Goldenstein, L., "Reestruturação industrial: três anos de debate", in Velloso, J.P.R., *Brasil: Desafios de um país em transformação*, RJ, 1997.
- BAUMANN, R., "Uma avaliação das exportações intrafirma do Brasil: 1980 e 1990", in: *Pesquisa e Planejamento Econômico*. vol. 23, n. 3. IPEA, Dezembro de 1993.
- BAUMANN, R., *O Brasil e a Economia Global*, RJ, Campus, 1995
- BIELCHOWSKY, R., "Investimentos na indústria brasileira depois da abertura e do Real: o mini-ciclo de modernizações, 1995-97", CEPAL/Brasília, 1998, mimeo, 72 páginas.
- BIELSCHOWSKI, R., "Investimento na indústria brasileira depois da abertura e do Real: o mini-ciclo de modernizações, 1995-97", mimeo, 1998.
- CASTRO, A. B., "O Plano Real e o reposicionamento das empresas", in: Velloso, J.P.R.(org.), *Brasil: Desafios de um País em Transformação*, Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997.
- CASTRO, A.B., "A indústria brasileira às vésperas da desvalorização", in: *XI Fórum Nacional*, RJ, 1999.
- CHESNAIS, F., *A Mundialização do Capital*, São Paulo, Xamã, 1996.
- COMIN, A., "Oligopólios globais e a centralização de capitais na economia brasileira", in: *Anais do II Encontro Nacional de Economia Clássica e Política*, vol. II, p. 78-105, PUC/SP, São Paulo, 1997.
- COUTINHO, L. e FERRAZ, J.C., *Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira*, Campinas, Papius, 1993.
- COUTINHO, L.G. "A especialização regressiva: um balanço do desempenho industrial pós-estabilização", in Velloso, J.P.R. (org.), *Brasil: Desafios de um País em Transformação*, RJ, José Olympio, 1997.
- DUNNING, J. *Explaining international production*, London: Unwin Hyman, 1998.
- ERNST, Dieter and David O'Connor, *Technology and Global Competition. The Challenge for Newly Industrialising Economies*, OECD Development Centre Studies, Paris, 1989.
- FERRAZ, J. C. *et alli*, *Made in Brazil*, São Paulo: Campus, 1995.
- GEREFFI, Gary and Korzeniewicz, M., *Commodity Chains and Global Capitalism*, Greenwood Press, 1994;
- GOLDENSTEIN, L. e Mendonça, J. R., "Reestruturação Industrial: três anos de debate", in *Brasil: desafios de um país em transformação*, José Olympio editora, Rio de Janeiro, 1997
- HIPPLE, F.S., "Multinational Companies and International Trade: The impact of intrafirm shipments on US international trade", in *Journal of International Business Studies*, vol. 21, 1990.
- HIRATUKA, C., "A inserção das filiais brasileiras de empresas multinacionais nos fluxos de comércio externo", projeto de pesquisa, Campinas, 1998.
- KOGUT, B., "Designing Global Strategies: Comparative and Competitive Value-Added Chains," *Sloan Management Review*, summer, 1985
- LAPLANE, M; SARTI, F., "Investimento Direto Estrangeiro a retomado do crescimento sustentado nos anos 90", in: *Economia e Sociedade* (8), p. 143-81, Campinas, jun. 1997.
- LASTRES, H. et al., "Globalização e Inovação Localizada", Nota Técnica 01/98 do projeto *Globalização e Inovação Localizada: Experiências de Sistemas Locais no âmbito do Mercosul e Proposições de Política de Ciência e Tecnologia*, IE-UFRJ, março de 1998,
- LEVITT, T., "The Globalization of Markets", *Harvard Business Review*, May/June, 1983
- LIM, Linda and Pang Eng Fong, *Foreign Direct Investment and Industrialisation in Malaysia, Singapore, Taiwan and Thailand*, OECD Development Centre Study, 1991
- MENDONÇA DE BARROS, J.R; GOLDENSTEIN, L., "Reestruturação Industrial: três anos de debate", in: Velloso, J.P.R.(org.), *Brasil: Desafios de um País em Transformação*, RJ: José Olympio Editora, 1997.
- MOREIRA, M. M., "Estrangeiros em uma Economia Aberta: impactos recentes sobre produtividade, concentração e comércio exterior", Texto para discussão BNDES/DEPEC N° 67, março de 1999.
- MOREIRA, M.M. e Correa, P.G., "Abertura comercial e indústria: o que se pode esperar e o que se vem obtendo", Texto para discussão do BNDES, n.49, p. 5-60, 1996.
- OECD, *Technology and the Economy. The Key Relationships*, Paris, 1992
- OMAN, C., *New Forms of International Investment in Developing Countries*, OECD, Paris, 1984
- PORTER, M., *Competitive Advantage. Creating and Sustaining Superior Performance*, Free Press, NY, 1985
- RESENDE, M. F.; ANDERSON, P., "Mudanças estruturais na indústria brasileira de bens de capital", in: *Anais do XXVII Encontro Nacional de Economia*, vol. II, p. 885/900, dezembro, 1999.
- RODRIGUES, R. I., *Empresas Estrangeiras e Fusões e Aquisições: Os casos dos Ramos de Autopeças e de Alimentação/Bebidas em Meados dos Anos 90*, Texto para discussão N° 622, Brasília: IPEA, 1999.
- TURNER, P., *Capital Flows in Latin America. A New Phase*, BIS Eco.Papers, mai 1996.
- UNCTAD, *World Investment Report 1998 – Trends and Determinants*, Geneva, 1998